



Terça, 08 de setembro de 2015 / Valor Econômico

Retração emergente restringe recuperação via exportações

A disparada do dólar melhora substancialmente a situação da balança comercial brasileira, embora a mega desvalorização de 45% entre julho do ano passado e julho deste ano não esteja conseguindo vencer a barreira do encolhimento dos principais mercados importadores. Por enquanto, observa-se a melhoria do saldo porque as exportações, mesmo com quedas substanciais (-16,3% de janeiro a agosto), caem menos que as importações (-21,3%). O câmbio está fazendo seu papel de melhorar a rentabilidade dos exportadores, cobrindo os aumentos de custos internos, que não foi pequeno, e a diminuição dos preços externos, que não atinge só as commodities, como mostram os números da **Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex)**.

A recuperação dos saldos comerciais desta vez poderá ser mais demorada, por várias razões. Boa parte dos principais concorrentes do Brasil também desvalorizaram suas moedas, pois a arrancada do dólar foi global – das moedas relevantes, só o euro se valorizou, junto com o yuan, que não é plenamente conversível. A onde de depreciações reduziu o preço das mercadorias, o que seria benigno em várias circunstâncias, menos hoje, quando os bancos centrais dos países desenvolvidos ainda não venceram plenamente o risco de uma deflação. Em julho, por exemplo, os preços dos bens importados pelos Estados Unidos tiveram redução de 17%. Os combustíveis pesam bastante nessa conta, mas a queima de preços é generalizada.

O esforço exportador, mesmo com a ajuda inestimável da corrida cambial, está se chocando com a retração dos países emergentes e a pouca vitalidade das economias europeia e japonesa – os EUA e Alemanha são grandes exceções nesse cenário. O comércio global continua perdendo força, como mostram as sucessivas revisões para baixo feitas pela Organização Mundial do Comércio, que reestimou de 5% para 4% a expansão para este ano. O viés da baixa permanece.

Os países emergentes estão sofrendo um duro golpe. O primeiro, mais evidente, é a desaceleração da China e a queda dos preços das principais commodities dela decorrente. O outro, apontado por David Lubin, diretor para mercados emergentes do Citi, é o “colapso do comércio global a níveis não vistos em uma geração” (Financial Times, ontem).

Leia o artigo completo em: <http://www.valor.com.br/opiniaio/4212982/retracao-emergente-restringe-recuperacao-exportacoes#>